



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
LICENCIATURA EM MÚSICA

WILLAMS DIAS FERREIRA

O ensino musical coletivo nas Bandas Marciais e seu impacto na transformação social de seus componentes: Uma revisão bibliográfica por meio das publicações e análise dos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2015 e 2019.

Recife

2022

WILLAMS DIAS FERREIRA

O ensino musical coletivo nas Bandas Marciais e seu impacto na transformação social de seus componentes: Uma revisão bibliográfica por meio das publicações e análise dos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2015 e 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Música.

Área de concentração: Educação Musical

Orientador: Prof. Me. João Evangelista dos Santos Neto.

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira, Willams Dias .

O ensino musical coletivo nas Bandas Marciais e seu impacto na transformação social de seus componentes: Uma revisão bibliográfica por meio das publicações e análise dos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2015 e 2019. / Willams Dias Ferreira. - Recife,2022.

51 p. : il.

Orientador(a): João Evangelista dos Santos Neto
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2022.
Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Educação musical. 2. Ensino musical coletivo. 3. Ensino formal, informale não formal. 4. Banda marcial. 5. Transformação Social. I. Santos Neto, João Evangelista dos. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

WILLAMS DIAS FERREIRA

O ensino musical coletivo nas Bandas Marciais e seu impacto na transformação social de seus componentes: Uma revisão bibliográfica por meio das publicações e análise dos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2015 e 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Música.

Aprovado em: 09 / 06 / 2022.

Recife

2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. João Evangelista Dos Santos Neto (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Leonardo Pellegrin (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Sérgio Deslandes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a minha amada esposa Kauanna Pryscilla da Silva, minha amiga, companheira e minha maior incentivadora, que tem uma importância crucial em toda minha trajetória e conquistas da vida, pois nada disso se tornaria possível se eu não tivesse seu apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por minha vida e por tudo que ele me tem proporcionado.

À minha amada esposa, Kauanna Priscilla da Silva, pelo companheirismo, paciência, amor e dedicação.

Às minhas amadas incentivadoras Maria Tereza Gato (avó) a Denilda Benedita S. (sogra) e Maria Berto (tia nê).

À todos os amigos e ex-companheiros de trabalho e de estudos, que fiz durante toda minha trajetória.

À banda Marcial da escola Manuel Vítor, onde tive a oportunidade de tocar um instrumento musical pela primeira vez.

À Banda Marcial 07 de setembro, que contribuiu no desenvolvimento musical e nas relações interpessoais.

À Banda Marcial Firmino da Veiga por todo aprendizado e orientações, em especial ao professor Alexandre Botelho, que me deu a oportunidade de estudar o trombone tenor de chave pela primeira vez.

Ao meu amigo Aílton Neves (Mano), meu primeiro professor de trombone.

Ao Grupo de Estudos de Trombone (GET-PE), grupo coordenado pelo Prof. Jorge Guerra e pelo Prof. Marcílio Silva.

Ao professor de trombone e amigo prof. Junior Vitoriano.

Ao Conservatório Pernambucano de Música (CPM), onde obtive formação técnica musical.

Ao meu professor de trombone no CPM prof. Mizael França, pelos ensinamentos compartilhados, bem como o prof. Zilmar Medeiros e o professor Alexandre Magno pelos conselhos e puxões de orelha.

Aos meus colegas e professores da graduação da UFPE.

Ao meu professor de trombone e orientador deste trabalho, Prof. Me. João Evangelista dos Santos Neto, por sua paciência e transmissão de conhecimentos.

E a todos aqueles que nunca acreditaram em mim e que tentaram me prejudicar de alguma forma, pois foi graças a vocês que eu me esforcei ainda mais e tive mais garra para vencer todas as adversidades proporcionadas por vocês direta ou indiretamente.

“Ele realiza maravilhas insondáveis, milagres que não se pode contar. Derrama chuva sobre a terra, e envia água sobre os campos. Os humildes, ele os exalta, e traz os que pranteiam a um lugar de segurança. Ele frustra os planos dos astutos, para que fracassem as mãos deles”.
(Jó 5:9-12)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como foco a análise de textos produzidos a respeito do ensino coletivo de instrumentos musicais em bandas, e também divulgar a importância da Banda de Marcial como ferramenta na educação musical, refletindo a respeito do processo educacional da Banda como um seguimento que transforma e socializa o indivíduo, favorecendo não apenas no seu aprendizado, mas contribuindo também na construção do seu caráter e no desenvolvimento de sua consciência crítica. A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi a da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. Através das análises realizadas a partir destes trabalhos chegou-se ao entendimento de que o ensino coletivo de instrumentos musicais se tornou uma eficiente ferramenta de democratização no que diz respeito ao processo de ensino musical. De caráter descritivo, este trabalho expõe de maneira geral alguns aspectos do aprendizado musical não-formal e suas relações com a prática musical. Nesse trabalho buscou-se construir algumas considerações a partir de ideias de referências na área, objetivando um melhor entendimento a respeito das definições desta temática, ou pelo menos, estimular uma reflexão e discussão a respeito de um caminho para esse entendimento conceitual.

Palavras-chave: Banda Marcial. Aprendizado Musical. Ensino Coletivo. Prática Musical. Ensino Não Formal.

ABSTRACT

This course conclusion work (TCC) focuses on the analysis of texts produced about the collective teaching of musical instruments in bands, and also to disseminate the importance of the Marching Band as a tool in musical education, reflecting on the educational process of the Band as a follow-up that transforms and socializes the individual, favoring not only their learning, but also contributing to the construction of their character and the development of their critical awareness. The methodology chosen to carry out this work was bibliographic research, with a qualitative approach. Through the analyzes carried out from these works, we came to the understanding that the collective teaching of musical instruments has become an efficient tool for democratization with regard to the process of musical teaching. Descriptive, this work generally exposes some aspects of non-formal musical learning and its relationship with musical practice. In this work, we sought to build some considerations from ideas from references in the area, aiming at a better understanding of the definitions of this theme, or at least, stimulating reflection and discussion about a path to this conceptual understanding.

Keywords: Marcial band. Music Learning. Collective Teaching. Musical Practice. Non-Formal Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Esquema de classificação das fontes bibliográficas.....	18
Figura 2 –	Banda Marcial Firmino da Veiga.....	19
Figura 3 –	Partitura do dobrado Cisne Branco.....	23
Figura 4 –	Partitura o Guarani.....	24
Figura 5 –	Banda de Música do Batalhão da Guarda Presidencial.....	25
Figura 6 –	Banda Marcial do Colégio Dirceu.....	26
Figura 7 –	Banda Marcial Ranulpho Paes De Barros.....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Categorias das bandas de sopro e percussão com instrumentação.....	28
Quadro 2 –	Modalidades da Educação.....	35
Quadro 3 –	Quadro referencial de arquivos analisados.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	METODOLOGIA.....	15
2.1	Procedimentos metodológicos.....	16
2.2	Fases da pesquisa.....	18
3	AS BANDAS MARCIAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E ATRIBUIÇÕES.....	19
3.1	Os primórdios das bandas de música no brasil.....	21
3.2	Distinguido o termo banda.....	26
4	O ENSINO NA BANDA E SUA METODOLOGIA.....	29
4.1	O Ensino coletivo como mecanismo de aprendizagem.....	30
4.2	A educação não-formal e o caminho traçado para o ensino musical.....	33
4.2.1	A educação e suas modalidades.....	34
4.2.2	O ensino musical na modalidade não-formal.....	36
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	37
6	DISCUSSÃO EXPOSITIVA.....	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a minha trajetória no meio musical se iniciou em uma Banda Marcial Escolar, na qual ingressei quando cursava os anos finais do ensino médio, com aproximadamente dezenove anos de idade, foi nesse meio onde desenvolvi o apreço por ouvir e aprender sobre música. Foi através da banda que consegui construir vínculos com pessoas de minha comunidade e a partir disso tive a oportunidade vivenciar o gosto pelo fazer música de maneira coletiva junto com os outros componentes da banda, com a perspectiva de participar, e garantir boas colocações em concursos de bandas no estado de Pernambuco, em festivais e encontros de bandas próximos da cidade Cabo de Santo Agostinho, cidade onde passei minha adolescência e onde moro atualmente.

Iniciei minha vida musical tocando um instrumento percussivo de nome “bombo” conhecido também como “fuzileiro”, isso por conta de algumas dificuldades estruturais da banda marcial da qual tive oportunidade de participar. Posteriormente, querendo aprender mais sobre esse novo mundo e essa nova perspectiva a qual eu estava conhecendo, ingressei em uma escola de música municipal, e foi nessa escola onde pude aprender sobre outros aspectos da música como teoria, harmonia, técnica instrumental e repertórios, informações que eram mais técnicas e de certa forma diferentes das quais eu estava mais familiarizado na banda marcial.

Vale ressaltar que mesmo em meio a essa realidade de dificuldades que muitas das bandas marciais passam, aqui no estado de Pernambuco, essas entidades musicais tornam-se para seus alunos um importante meio de possibilidades e transformação social, oferecendo em muitas das vezes vivências e aprendizados diversos aos seus componentes. Uso minha própria história como exemplo disso, pois foi através deste novo ambiente ao qual me inseri que tive a oportunidade de conhecer novos amigos, fazer parte de um grupo, vivenciar inúmeras experiências e posteriormente ingressar na carreira musical. Segundo Batista (2010), o acesso ao ensino nas bandas de música deveria ser mais ampliado, que isso ajudaria a resolver alguns problemas de caráter social e também proporcionaria a oportunidade de se construir relacionamentos saudáveis em seu meio social atuante.

Tanto a banda marcial quanto a banda de música apresentam potencial para colaborar com a sociedade, oferecendo oportunidades a vários jovens de transformar suas vidas, oferecendo-lhes novas perspectivas profissionais e culturais.

Ao longo do meu amadurecimento no meio musical, primeiro como aluno e depois como regente de banda marcial, tive a oportunidade de observar o valor significativo que as bandas marciais apresentam na construção e desenvolvimento de seus componentes. Diante dessas vivências, ficou claro para mim o quanto as bandas marciais ao longo do tempo vêm contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento musical de muitos músicos de nosso País. O fruto disso é que muitos desses jovens que ingressam nesse meio, tendem a buscar cursos relacionados a música, seja no ensino básico, médio, técnico ou até mesmo superior, como ocorreu no meu caso, muitos desses jovens se tornam músicos profissionais.

O trabalho social de uma sociedade musical compreende em tirar os meninos de origem humilde das ruas e ensinar-lhes uma profissão para o resto da vida, aproximando-os da cultura através da música e oferecendo uma oportunidade de crescer. (ROCHA, 2005, p.183).

O relato de Rocha (2005) retrata que as bandas, desempenham um papel de escolas profissionalizantes para muitos jovens, e é nesse ambiente que seus músicos além de aprender a valorizar a convivência em grupo, desenvolvem um conhecimento musical um pouco mais elevado, o que lhes possibilita encaminhar seu futuro profissional para atuações nessa direção.

Batista (2010), nos conta sobre a importância da banda de música além da percepção comum, até por que seu valor é perceptível a aqueles que fazem ou fizeram parte dela, pois, somente eles é que podem de fato expressar a legítima concepção sobre a importância e utilidade da banda de música para a sociedade. Tendo isso em mente, quando identificamos na banda marcial esse ofício de ambiente público-democrático, de inclusão social e de valor significativo para nossa sociedade, só daí então é que vamos valorizar mais esse formato de ensino.

Quando nos deparamos com a banda marcial e escutamos sua música em suas apresentações, observamos instantaneamente as pessoas que fazem parte do grupo, seus movimentos, instrumentos e os sons que essas pessoas produzem. Nas ruas, avenidas, e também em outros ambientes musicais, além dos espaços escolares, performances construídas através dos ensaios e apresentações, tornam-se de suma importância para o desenvolvimento musical coletivo nessas comunidades. Assim, é importante mostrar que muito se especula sobre as razões que levam as pessoas a se dedicar em prol desse tipo de grupo, a estabelecer vínculos de amizade, aprendizados, interações nas trocas de conhecimentos, informações e vivências, sendo notório ressaltar a ocorrência de comentários recorrentes a respeito da melhoria de

comportamentos, sobretudo a respeito dos componentes das bandas, comentários esses advindos de pessoas próximas desses músicos, tais como: “Desde que ele entrou na banda houve uma melhora no comportamento dele”, “a banda vem auxiliando bastante no fortalecimento e criação de vínculos dele com os outros colegas da escola”. Estes são alguns comentários que ouvi, a partir do meu convívio e da minha experiência com bandas marciais.

O presente trabalho compôs-se de um levantamento bibliográfico documental, buscando encontrar o maior número possível de artigos ou trabalhos acadêmicos relacionados ao referente assunto e, a partir dos documentos encontrados, elaborar uma análise relacionando o ensino musical coletivo nas Bandas Marciais e a transformação social de seus componentes. Para realização desse trabalho foram utilizadas várias ferramentas de busca como fonte de informações, dentre elas o Google Acadêmico e o próprio Google. Foram também realizadas buscas em anais de eventos como os dos Encontros Nacionais de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM), encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) do o Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música (SIMPOM), também foram verificadas revistas eletrônicas e sites de internet como o SciELO e o PubMed.

2 METODOLOGIA

O presente capítulo vem com o propósito de destacar os elementos utilizados na elaboração da pesquisa, na busca de uma melhor exposição do seu processo de desenvolvimento. Fonseca (2002), acrescenta que para se realizar um estudo ou uma pesquisa, se faz necessário estruturar as vias que necessitam ser percorridos no decorrer do estudo ou da pesquisa. Para ele o estudo dessa estruturação se define como metodologia.

A pesquisa desenvolvida para a realização deste trabalho buscou como base em sua elaboração uma revisão bibliográfica, dentro dos paradigmas da pesquisa qualitativa, envolvendo os referenciais teóricos que abordam a temática do ensino musical coletivo nas Bandas Marciais.

Procurou-se como um dos objetivos principais, observar o impacto na transformação social de seus componentes, e isso, partindo da premissa de que o estudo bibliográfico é uma das metodologias de pesquisa científica, das mais utilizadas em trabalhos de caráter científico,

por ter em sua essência a busca, através de registros e estudos de obras já publicadas, por desenvolver o melhor entendimento possível das questões a serem apresentadas ou debatidas.

Corroborando com o que foi dito Marconi e Lakatos (1992) discorre da seguinte maneira:

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos. Especificamente é "um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento" (Ander-Egg, 1978:28). [...] Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. [...] Dessa forma, divide-se em pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias). [...] A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que especificamente interessa a este trabalho. Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista "o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações" (Trujillo, 1974: 230). A bibliografia pertinente "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente" (Manzo, 1971:32). [...] A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica. (MARCONI; LAKATOS, 1992, p, 43 - 44).

2.1 Procedimentos metodológicos

Esse trabalho se valeu de uma análise de dados coletados sobre o tema, elaborado a partir de material já publicado, como artigos, periódicos, internet, livros, etc. Utilizando como procedimento na investigação deste estudo a abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetividade descritiva, empregando a técnica da coleta de dados de documentação indireta.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) a abordagem qualitativa procura compreender uma realidade com o propósito de atingir uma compreensão esquadrihada dos significados relacionados com as experiências vivenciadas. Promovendo com isso uma reflexão fundamentada sobre o tema, proporcionando o desenvolvimento de uma nova formulação a ser elaborada com eixo nas representações espontâneas no âmago da problematização. Desse modo evidencia-se que as diversas formas de entendimentos implicados, tornem-se consideráveis para a pesquisa.

Pode-se atestar, no que diz respeito ao caráter dessa pesquisa, os dados tendem a ser considerados subjetivos, pelo fato de abordarem motivações, comportamentos ou emoções, que não podem ser quantificadas numericamente.

Continuando a linha de pensamento, Bogdan e Biklen, (1994) ressaltam que essa abordagem possui em sua objetividade um caráter de cunho descritivo, tendo como objetivo descrever o assunto determinado, de modo mais detalhado possível, procurando por uma melhor fidelidade aos dados coletados e o modo ao qual eles foram registrados, contribuindo de forma positiva a pesquisa, oferecendo um maior destaque a medida com que as considerações e as comparações se redigem no desenrolar do processo.

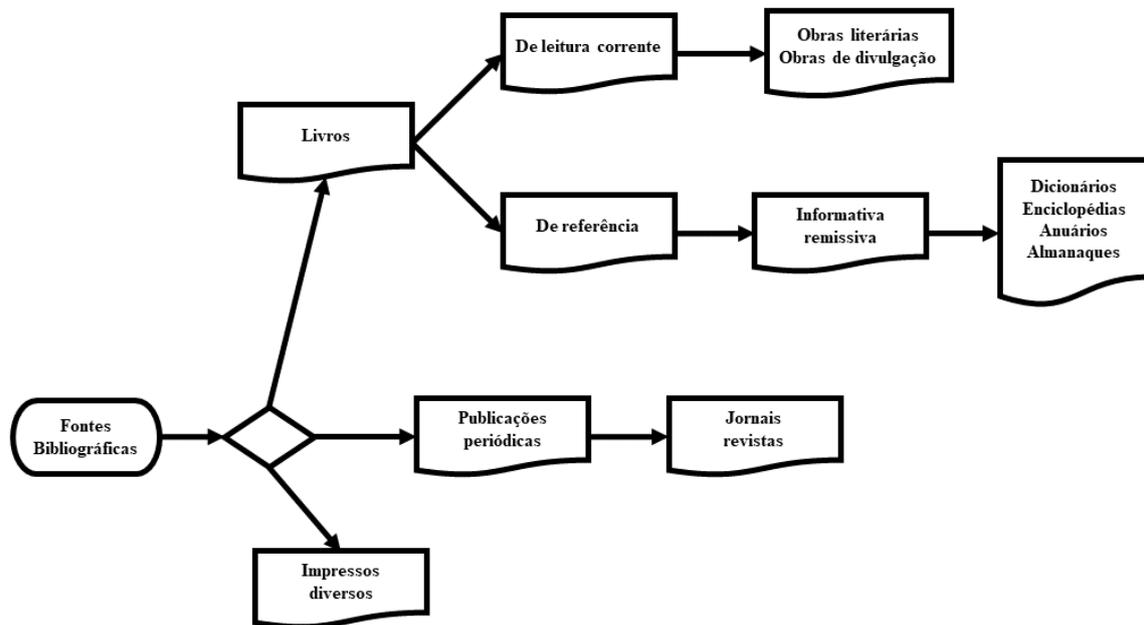
A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48).

Nesse sentido, o estudo procurou se fixar no propósito de buscar por pesquisas na área a respeito do tema, amparado por bibliografias existentes. Continuando, a respeito do estudo bibliográfico podemos citar Gil (2002) que discorre sobre esse assunto, da seguinte maneira:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2002, p. 45-46).

A seguir, a figura 1 nos mostra como as fontes bibliográficas podem ser classificadas:

Figura 1 - Esquema de classificação das fontes bibliográficas



Fonte: Adaptada de (Gil, 2002, p. 44).

2.2 Fases da pesquisa

Marconi e Lakatos (1992) apresentam as fases da pesquisa bibliográfica, nos revelando que elas se compreendem em oito fases distintas: “ escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação, redação” (MARCONI; LAKATOS, 1992, p.44), seguindo essa metodologia o presente trabalho utilizou como parâmetro em seu desenvolvimento, cinco dessas oito fases, que foram: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, fichamento, análise e interpretação e a redação.

3 AS BANDAS MARCIAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E ATRIBUIÇÕES

Levando em consideração a concepção de que as bandas marciais são espaços onde a aprendizagem musical se desenvolve de maneira coletiva, essas entidades assumem o papel de importantes ferramentas de inclusão social, especialmente no que se refere à democratização do conhecimento musical. Essas entidades abrangem em sua abordagem prática múltiplos campos de ensino, dentre eles: o ensino de instrumento coletivo e individual, o ensino da teoria musical, a disciplina, a marcialidade e o relacionamento interpessoal, na verdade, os ensinamentos ministrados dentro das bandas marciais revelam-se estar além da aprendizagem musical.

A banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convive boa parte da minha adolescência e juventude. Passava, constantemente, mais tempo na sede da banda do que no convívio de minha casa. A banda era a outra família, uma segunda família. Ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquiri outra visão de mundo. (Lima, 2006, p. 13).

A Figura 2 nos mostra uma banda marcial em sua configuração nos dias atuais.

Figura 2- Banda Marcial Firmino da Veiga. Paulista - PE



Fonte: paulista.pe.gov.br/site/noticias/detalhes/1327
Acesso em : 21 de mar. 2022

Essas organizações além de se constituírem como manifestações históricas, educacionais, sociais e culturais, representam para muitos, uma das poucas oportunidades de

ingresso à educação musical, e é dessa maneira que a banda introduz os seus componentes ao conhecimento prático de um instrumento musical, proporcionando a eles um desenvolvimento artístico-cultural, por intermédio da aprendizagem musical adquirida enquanto progredem acerca da interpretação das músicas contidas em seus repertórios, obtendo como consequência desse processo no decorrer do tempo as interações componente/componente, componente/regente, manifestando o sentido de propósito e de coletividade.

O fator de inclusão social é de suma importância se for considerada a falta de oportunidade que determinados alunos, especialmente de escolas públicas, possuem fora do ambiente escolar. Em sua maioria, os alunos vêm de famílias que não têm condições de comprar instrumentos ou de investir financeiramente em aulas de música (CAMPOS, 2008, p.107).

As bandas marciais estão inseridas em muitas das comunidades escolares brasileiras. Até pouco tempo atrás em muitas cidades elas agiam como uma ponte para o contato de boa parte de sua população com a música instrumental, Nóbrega (2018, p. 34), expressa que em diversas ocasiões as bandas assumem o papel de atração principal em muitas cidades, atuando consideravelmente no serviço cultural de muitas comunidades, se tornando um verdadeiro centro de desenvolvimento na esfera social, educacional e profissional, possibilitando o encontro com vários gêneros da música brasileira.

Pereira (1999, p. 68-69), afirma que a banda de música em alguns lugares no Brasil conduzia-se como único espaço onde o convívio sociocultural e o aprendizado musical aconteciam verdadeiramente de forma gratuita, ele diz: “No Brasil, elas se tornaram, em muitos locais, o único espaço da cidade em que o ensino musical e instrumental é desenvolvido, a única possibilidade de acesso e conhecimento para a maioria da população à música instrumental; somando-se a isso, as apresentações e performances ao vivo”.

Um grande número de músicos profissionais recebe alguma influência por meio da banda de música em sua formação musical. Tal influência é causada, muitas vezes, pelo contexto social da banda, que participa de eventos sociais de naturezas diversas como missas, procissões, festas, retetas, desfiles cívico-militares, eventos esportivos, etc. encantando o público pela sua música. Há de se lembrar que, até pouco tempo atrás, a banda de música era um dos mais populares veículos de acesso à cultura musical para a sociedade, encerrando nas apresentações não somente a oportunidade do entretenimento musical, mas importante estímulo ao talento musical do indivíduo, levando-o a participar da banda de música e a aprender a tocar um instrumento musical. (NASCIMENTO, 2003, p. 35)

3.1 Os primórdios das bandas de música no Brasil.

Ao começarmos a estudar um pouco da história das bandas de música no Brasil, nos deparamos com a informação de que a existência dessas instituições já havia sido implantada na vivência cultural desse país, desde o período colonial brasileiro, onde esses grupos exerciam um papel cultural importante nas manifestações populares presentes no cotidiano da população se estabelecendo como notável patrimônio musical do país. Fagundes (2010) expõe que a implantação, das bandas de música no Brasil se iniciaram fundamentadas tendo por base de elementos da herança tradicional portuguesa.

Documentos do século XVI relatam a existência de prática musical desenvolvida por instrumentos de sopro e percussão e já utilizando o termo banda. Esses relatos podem ser observados em crônicas de padres, viajantes e outros que por aqui passavam nesse período, e, mais tarde, na literatura. Neles, encontram-se traços da presença de grupos instrumentais mantendo atividades que variavam da música religiosa à animação de festas populares – familiares ou boêmias –, atuando, no cenário nacional e tornando-se uma das principais manifestações populares, pois se integraram à vida social, religiosa, política e cultural das comunidades, mostrando já fazer parte da cultura e da tradição do país. Pode-se perceber que a música é um grande instrumento socializador e está totalmente ligado com as funções sociais de um povo, indivíduo e nação. (FAGUNDES, 2010, p. 35).

Informações apontam a existência de bandas de música na época da colonização compostas por cativos africanos e seus descendentes que tocavam em várias propriedades do interior do Brasil. Essas bandas patrocinadas e organizadas pelos senhores das grandes fazendas, estas ficaram conhecidas como bandas de fazenda. Nesse período os cativos eram submetidos a executar um repertório determinado por seus senhores e as bandas principiaram uma expansão em nosso país, Fagundes (2010, p. 35). O aumento e propagação das bandas no território nacional induziu a muitos fazendeiros a se interessarem em possuir sua banda particular.

[...] estas foram se difundindo cada vez mais. Isso chamou a atenção dos senhores de terra, fazendo com que todo fazendeiro rico desejasse ter o seu próprio grupo musical. Com isso, a formação de bandas foi se tornando um ato cada vez mais comum. Tais atividades variavam desde tocar numa simples recepção a um visitante até a eventos de grande porte, como batizados, missas e funerais. Através desses processos tem-se o estabelecimento de bandas em todo o Brasil [...] (FAGUNDES, 2010, p. 35).

Um dos momentos mais importantes para as bandas musicais ocorreu no início do século XIX, com a estruturação de uma banda que passou a ser conhecida popularmente como Banda

de Música da Real Fazenda, por conta de sua sede se localizar na Fazenda Santa Cruz, localizada nos arredores da capitania do Rio de Janeiro, lugar que se tornou posteriormente casa de veraneio da família real. Essa banda era formada por cativos que eram introduzidos ao ensino musical ainda adolescentes por mestres jesuítas, que lhes iniciavam nos fundamentos da música sacra, tanto no canto como no instrumento. A Banda de Música da Real Fazenda foi instituída por intermédio dos padres jesuítas para produção sistemática da música e por conta do notável prestígio e virtuosismo de seus músicos posteriormente a Coroa começou a financiar esses músicos. Fagundes (2010, p. 36).

Pode-se dizer que esse cultivo musical sistemático exigido pelos padres jesuítas, visava uma produção musical que atendesse as necessidades da igreja e tinha como conceitos pré-estabelecidos os padrões musicais europeus. Como esses músicos eram escravos os jesuítas educavam verdadeiros virtuosos, por serem obrigados a tocar com perfeição. Ficavam à disposição dos padres todos os dias, exercendo todas as atividades litúrgicas da igreja. Esses músicos estavam preparados para qualquer situação em que fosse necessária sua participação, seja tocando em solenidades, recepções e cultos, ou em execuções de óperas. Esse grupo percorreu todas as províncias, tocando os mais variados instrumentos, em todas as solenidades. (FAGUNDES, 2010, p. 36).

Ainda no período do Brasil - Colônia, houve o advento das bandas de música de barbeiros por volta do século XIX. Esses barbeiros eram escravos alforriados, ou seja, homens libertos do regime da escravidão, que exerciam inúmeros ofícios como: aparar barba e cabelo, aplicar sanguessugas, serviços de engraxate, arrancar dentes, dentre outros trabalhos. Pelo fato de não serem mais escravos o tempo que lhes sobrava eles o ocupavam com atividades musicais. (FAGUNDES, 2010, p. 37).

[...] formadas por escravos alforriados que acumulavam várias funções. [...] Os barbeiros tiveram grande importância no desenvolvimento da música popular, pois contribuíram para a criação do maxixe, devido à mistura cultural dos brancos (europeus - portugueses, em particular) e dos negros. Segundo Santiago (1998) e Diniz (2007), esses grupos foram os grandes incentivadores e influenciadores do choro, samba e outros gêneros musicais brasileiros. Além disso, contribuíram para a difusão de danças e gêneros musicais tais como: a polka, a valse, a mazurka, a scottish, a gavotte, a quadrille, que chegavam ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro, imprimindo características nativas do Brasil a esses gêneros. Essas bandas funcionavam como escolas livres, ou seja, como escolas de música sem um projeto sistematizado. As bandas de música tiveram uma maior importância e notoriedade com a criação das corporações musicais e só foram se consolidar a partir de alguns anos após a chegada da Família Real, no século XIX". (FAGUNDES, 2010, p. 37-38).

Com a chegada da Família Real no século XIX foi que as bandas de música tiveram um maior prestígio, efetuou-se a formação de bandas militares em quase todo o território brasileiro, Fagundes (2010, p. 38). Conseqüentemente as bandas militares a partir de sua consolidação apresentaram um papel crucial para o surgimento e firmamento das bandas civis:

O surgimento das bandas militares como conjunto de sopro e percussão iniciou uma fase de valorização das bandas de música, propiciando o surgimento das bandas civis. [...] Em 1831, foram criadas as bandas de música da Guarda Nacional. [...] essas bandas passaram a incluir em seu repertório, ao lado dos hinos, marchas, dobrados, trechos de músicas clássicas e pequenos temas de músicas populares. [...] Também marcaram presença no acompanhamento das procissões, fazendo surgir as marchas de procissões (FAGUNDES, 2010, p.38).

A Figura 3 nos Mostra uma partitura de dobrado militar, música popular mente tocada tanto por bandas civis quanto por bandas militares.

Figura 3 - partitura do dobrado Cisne Branco.

Cisne Branco
Dobrado Antônio do E. Santo

Segundo o relato de Fagundes (2010, p. 38) por volta de 1831, as bandas de música da Guarda Nacional apresentam-se com uma roupagem mais moderna e a partir daí através da iniciativa dos grandes proprietários de terra é que essas bandas passaram a incluir em seu repertório, ao lado dos hinos, marchas, dobrados, trechos de músicas clássicas e pequenos temas de músicas populares. Silva (2012), fala que por intermédio da influência das bandas militares, as bandas de música se desenvolviam e criavam força consolidando assim o que pode ser descrito como uma tradição nas cidades.

O desenvolvimento das bandas de música teve início no âmbito militar, se fazendo presente em quase todas as corporações militares. Posteriormente, as bandas foram surgindo como uma organização civil, chamadas “sociedades musicais”, as quais se inspiravam nas bandas militares no que diz respeito ao fardamento, às marchas, aos desfiles e à hierarquia. (SILVA, 2012, p. 24).

A Figura 4 nos traz a partitura do Guarani para exemplificar um outro gênero executado pelas.

Figura: 4 - O GUARANI

O Guarany - Carlos Gomes

The image displays a page of a musical score for the piece 'O Guarany' by Carlos Gomes. The score is arranged in a standard orchestral format with multiple staves. The instruments listed on the left include Flm. 1, 2; Fl.; Ob. 1, 2; Cl. B-1, 2; Fag. 1, 2; Tpt. E; Tpt. III, IV; Cnf. A 1, 2; Tpt. B-1, 2; Tbn. 1, 2; Tbn. 3; Cr.; Ft.; and Bmb. The music is written in a key signature of two sharps (F# and C#) and a 3/4 time signature. The score features various dynamic markings such as *ff* (fortissimo), *p* (piano), and *pp* (pianissimo), along with performance instructions like 'marchato' and 'dim.' (diminuendo). The notation includes notes, rests, and articulation marks.

Fonte: <https://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Brazilian-Songbook-Online-concert-2.pdf>

Acesso em : 23 de mar, 2022

As bandas militares reforçaram sua atuação nas ruas, praças, festas e em outras ocasiões. Conseqüentemente por conta dessas atuações constantes e diversificadas as bandas de música civis incorporaram em si os traços das bandas militares, e com o decorrer do tempo essas corporações civis começaram a se organizar em diversos centros urbanos, inspiradas nas bandas militares. Tinhorão (1998, p. 180), nos mostra como essa tradição foi se efetivando na esfera civil.

O fato é que, com essa valorização das bandas de tropas da Primeira Linha e da Guarda Nacional, centenas de músicos de origem popular encontravam oportunidade de viver de suas habilidades e do seu talento, contribuindo para identificar com o povo, através da música de coreto e de festas cívicas, um tipo de formação instrumental muito próxima das orquestras das elites. E a prova de que a ação das bandas militares extrapolava realmente suas funções estritas e que os próprios civis imitavam sua formação, criando bandas semelhantes para tocar música de baile ou de coreto de praça [...] Tinhorão (1998, p. 180).

Figura 5 nos apresenta a Banda de Música do Batalhão da Guarda Presidencial.

Figura 5 - Banda de Música do Batalhão da Guarda Presidencial. Brasília.



Fonte: <http://www.bgp.eb.mil.br/index.php/banda-de-musica>
Acesso em : 21 de mar. 2022.

Manuela A. Costa (2011) complementa essa ideia evidenciando em sua pesquisa fatos que indicam a incorporação desses traços militares pelas bandas civis. Fagundes (2010, p. 38) acrescenta sobre o surgimento das bandas musicais civis que essas entidades aumentaram demasiadamente em seu número no fim do século XIX, utilizando nomes iniciados em geral por “Associação”, “Corporação”, “Filarmônica”, “Lira” ou mesmo “Banda”, empregando o uso de uniformes que aludiam aos uniformes militares e com os tradicionais quepes.

Talvez um dos sinais mais visíveis desta apropriação está nos uniformes, instrumentos e repertórios utilizados pelas bandas civis. Seus uniformes lembram as fardas militares, a instrumentação se associa aos instrumentos utilizados pelas bandas militares, pois possuem a capacidade de projeção em ambientes abertos e podem ser tocados por músicos em movimento, e seu repertório é marcado por marchas. (COSTA, 2011, p. 241).

A figura 6 nos mostra a Banda Marcial do Colégio Dirceu, Bauru – SP

Figura 6 - Banda Marcial do Colégio Dirceu. Bauru – SP



Fonte: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2014/12/426818-apos-75-anos--banda-do-liceu-e-extinta.html>

Acesso em : 25 de mar.2022.

3.2 Distinguido o termo banda

Por conta da variedade das bandas vigentes em nosso país e por elas assumirem incumbências distintas em diferentes períodos da história, a contar de seu surgimento até a época atual. A concepção do termo banda ainda não dispõe de uma definição absoluta. Campos (2008) destaca que classificar e compreender o significado do termo banda não é uma atividade simples.

Definir os termos “banda” e “fanfarra” não constitui uma tarefa fácil, pois, apesar de se referirem a constituições diferenciadas no que se refere aos instrumentos musicais, possuem formas de atuar semelhantes – isso, quando consideramos as apresentações em desfiles cívicos ou em cerimônias militares. (CAMPOS, 2008, p. 59).

Os conceitos que vem sendo apresentados sobre a Banda de Música, acham-se registrados de diferentes maneiras por inúmeros autores, desse modo vindo a contribuir por

consequência com diversas concepções no que diz respeito as literaturas acerca das bandas (SILVA, 2012, p. 27).

Alguns autores definem banda de uma forma geral e abrangente, outros especificando sua característica instrumental, demonstrando suas respectivas denominações e finalidades. Essas definições se retroalimentam e contribuem para uma melhor compreensão do termo “banda”. Há uma grande variedade de tipos de bandas, dentre algumas podemos citar as mais conhecidas: banda de música civil, banda militar, banda sinfônica, fanfarra, banda marcial, sabendo que existem outras categorias e que novas surgem a cada época, como, por exemplo, as bandas escolares ou estudantis, podendo haver controvérsias quanto aos seus significados. (SILVA, 2012, p. 27).

Apesar de ainda não se ter uma designação eloquente para o termo banda alguns autores desenvolvem algumas definições plausíveis para esse termo. Há exemplo disso Dantas (2018, p. 13) traz a definição de banda como “conjunto de instrumentos de sopro acompanhados de percussão, tocando música apropriada para a movimentação de pessoas”. Nóbrega (2018, p. 29), nos traz a concepção de que o termo banda compete aos grupos musicais compostos por músicos que tocam instrumentos metal e percussão, sendo capaz de integrar instrumentos da família das madeiras. Bennett (1990, p. 60) argumenta que “o nome banda pode ser aplicado a qualquer conjunto de instrumentos que tenha uma formação relativamente grande, mas, em sentido restrito, se refere a um conjunto de instrumentos basicamente de sopro, tais como as bandas militares e fanfarras”. Em seguida Bennet complementa essa alegação dizendo que “a palavra banda também pode ser usada para designar um conjunto de determinados instrumentos, assim como: bandas de percussões, bandas de acordeões, steel bands, etc” (BENNET, 1990, p. 60).

Ainda que não se tenha conseguido dar uma definição concreta a esse tipo de corporação musical, se torna aceitável declarar que os grupos que se incluem nesse contexto se distinguem de um para o outro segundo a composição da instrumentação utilizada. Embora o termo banda tenha adquirido sentidos adjuntos, é relevante frisar que eles transparecem os divergentes âmbitos e agentes, que em períodos e regiões variadas, constituíram e ainda constituem agrupamentos musicais das mais variadas composições instrumentais.

Visto que existe uma extensa variedade de constituições de bandas, é possível se apontar dentre elas algumas das mais conhecidas: banda marcial, banda sinfônica, banda militar, banda de música civil, fanfarra, isso compreendendo que existe outras categorias e que há sempre o surgimento de novas categorias no decorrer do tempo, a exemplo disso se tem como referência o surgimento das bandas escolares.

Para melhor compreensão da relação das bandas e seus instrumentos, farei uso do quadro 1 expondo as categorias de bandas e sua instrumentação.

Quadro 1 - Categorias das bandas de sopro e percussão com instrumentação

Instrumentos	Banda de percussão		Fanfarras			Banda			
	Marcial	Com instrumentos melódicos simples	Simple tradicional	Simple marcial	Com instrumento de uma válvula	Marcial	Musical de marcha	Musical de concerto	Sinfônica, Filarmônica ou Orquestra de sopros
De percussão	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara, bongo, tambadoras, tímpanos, marimbas, campanhas tubulares, glockenspiel, família dos vibráfonos, xilofones e liras.	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara, bongo, tambadoras, tímpanos, marimbas, campanhas tubulares, glockenspiel, família dos vibráfonos, xilofones e liras.	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara,	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara,	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara,	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara e como facultativos: marimba, trompa, timpano, glockenspiel, campanhas tubulares e outros de percussão.	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara e como facultativos: celesta e xilofone	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara e como facultativos: celesta e xilofone	Bombos, Tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara, bongo, tambores, tímpanos, marimbas, campanhas tubulares, glockenspiel, celesta, família dos vibráfonos, xilofones e liras.
Melódicos ou harmônicos		Escaletas, flautas doce, píafros, gaitas de fôle e outros peculiares à categoria.	Cometas e cornetes lisos de qualquer tonalidade, sem utilização de recursos, como gatilho.	Trompetes naturais (cornetas), todos lisos (sem válvulas) de qualquer tonalidade ou formato, sendo facultada a utilização de recursos como gatilho.	Trompetes naturais (cornetas), agudos e graves com uma válvula de qualquer tonalidade ou formato.	Família dos trombones e tubas e saxhorn.	Família das flautas transversais, clarinetes, saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores.	Família das flautas transversais, clarinetes, saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores.	Família das flautas transversais, clarinetes, saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores e como facultativos: oboé, fagote, trompa e contrabaixo acústico.

Fonte: Adaptada do Curso de Licenciatura em Música da UFRGS, 2010.

4 O ENSINO NA BANDA E SUA METODOLOGIA

Pesquisas recentes apontam que o ensino de música em nosso país até o presente momento se mostra insuficiente no que se refere a sua disponibilidade ao público em geral.

Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar por meio dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para sua prática. Quando afirmamos que qualquer pessoa pode desenvolver-se musicalmente, consideramos a necessidade de tornar acessível, às crianças e aos jovens, a atividade musical de forma ampla e democrática. (LOUREIRO, 2008, p. 168).

Mesmo as instituições que promovem ensino musical de forma gratuita não conseguem, em grande maioria dos casos, atender as demandas ocasionadas pela busca de formação por seus cursos, e isso ocorre na maioria das vezes porque, muitas dessas instituições realizam alguma espécie de triagem, onde de certa maneira elas suprimem a oportunidade de estudar música de grande parte público em geral.

Estudos históricos nos mostram que no Brasil, a bastante tempo as Bandas Marciais, vem agindo como um local onde boa parte do público tem a oportunidade de iniciarem uma familiaridade com o mundo musical. Não podemos esquecer que até pouco tempo atrás, as bandas de música eram um dos meios de acesso à cultura musical mais acessível para a sociedade. Desse modo, vale ressaltar que hoje em dia o número de bandas supera em longa distância o quantitativo de escolas especializadas em música, no nosso país (BARBOSA, 1996). Outro fator importante que vale a pena ressaltar é que, em sua grande maioria as bandas também dispõem de uma vasta diversidade de instrumentos de sopro e percussão que em pouco tempo se tornam acessíveis aos seus alunos, isso de certa maneira é um dos fatores que mais influência na quantidade de integrantes desse contexto musical.

A maioria dos instrumentistas brasileiros de sopro que trabalham profissionalmente em bandas militares, civis, ou orquestras recebe sua formação elementar em bandas. As bandas de música têm sido um dos meios mais utilizados no ensino elementar de música instrumental, de sopro e percussão, no nosso país. (BARBOSA, 1996, p. 02)

4.1 O Ensino coletivo como mecanismo de aprendizagem

As metodologias de ensino musical ministradas nas bandas marciais acontecem de maneiras diversas. As formas de transmissão de conhecimento utilizadas no ensino-aprendizado dessas entidades é verdadeiramente algo a se observar, é prático, único, diferenciado e integrado ao ambiente no qual a banda está situada e se sociabiliza. A estrutura de ensino de música nas bandas marciais se constrói em muitas das vezes de maneira peculiar, informal e oralmente, onde o regente é a figura principal, no que se refere ao ensino de música nessas entidades. Em muitas das vezes, o regente recebe o apoio de alguns alunos mais antigos, que o auxiliam na transmissão de conhecimentos musicais aos alunos iniciantes.

Esse método particular que as bandas marciais empregam talvez seja um dos estímulos mais importantes no aprendizado e desenvolvimento de seus componentes, e é através dele que os costumes das bandas marciais permanecem vivos até os dias atuais. Nesse contexto, se torna relevante observar o destaque que tem a metodologia do ensino musical coletivo dentro dessas corporações, corroborando com o raciocínio Pereira (2003) discorre a seguinte afirmação:

[...] há um movimento mundial de crescimento e de reavaliação e revalorização da importância da educação musical, da aprendizagem do instrumento musical e da prática instrumental coletiva, onde a banda de música é inserida como uma das principais práticas alternativas. (PEREIRA apud CAMPOS, 2008, p. 107).

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical trata-se de uma metodologia de ensino onde os alunos dispõem do benefício de integração mútua, afim de, com isso conquistar uma evolução maior no aprendizado musical instrumental.

Essa metodologia que se destaca cada vez mais nas instituições de ensino e já conta com contribuições de pesquisadores e educadores, conquistando assim bons rendimentos através de sua aplicação, sendo cada vez mais utilizado tanto por professores de ensino especializado, quanto por professores nas escolas de ensino básico, pois diferentemente do modelo conservatorial, o ensino coletivo de instrumentos musicais, faz uso em sua estrutura a interação social entre os indivíduos participantes, proporcionando para vários alunos assistirem e participarem das aulas ao mesmo tempo.

O ensino coletivo desenvolve algumas características na personalidade musical do indivíduo. Na medida em que as experiências e dinâmicas de grupo vão amadurecendo, elas vão se tornando extremamente ricas para o indivíduo, devido às relações interpessoais desenvolvidas pelos sujeitos desse grupo. O ensino em grupo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a autocompreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (CRUVINEL, 2005, p. 80).

A figura 7 nos mostra um exemplo de como ocorre o ensino coletivo.

Figure 7 - Banda Marcial Ranulpho Paes De Barros – Cuiabá/MT



Fonte: COSTA (2020, p. 49)

Considerando que essa metodologia de ensino já vem sendo utilizada no país há algum tempo, alguns trabalhos publicados apontam sobre a socialização que as aulas musicais coletivas oferecem, favorecendo assim a concepção de que essas aulas tem uma forte tendência de converter qualquer sala de aula em um espaço aprazível para o desenvolvimento de seus participantes, sendo assim esse espaço tem o poder de proporcionar um forte intercâmbio sociocultural.

A verdade é que nos dias atuais se faz oportuno aos professores de música conhecerem e compreenderem a vivência sociocultural dos seus alunos, afim de que, apoiado nessas informações, possam propor mecanismos e técnicas que sejam mais preferíveis a realidade desses alunos, nesse contexto o ensino coletivo, é a metodologia que melhor se adequa no que diz respeito ao processo de democratização do ensino musical, estabelecendo condições que

contribuam para o educar e o aprendizado, oferecendo aos educandos a chance de participar de forma factual, aspirando um considerável compartilhar de conhecimentos e experiências.

Uma informação relevante em relação ao ensino coletivo de instrumentos na banda marcial é que essa forma de se conceber a metodologia de ensino privilegia o desenvolvimento de métodos que favorecem o conhecimento técnico/musical sobre o conhecimento teórico/musical, ou seja, os músicos aprendem os conteúdos musicais por meio da prática e não o inverso.

Esta maneira coletiva de ensino pode ser observada em Alves (2006), que discorre a respeito da formação dos professores, no que se refere a maneira de se projetar a concepção da construção do conhecimento nas propostas de formação dos profissionais da educação, encontra-se uma passagem no livro que expressa o seguinte sobre essa questão:

Entendendo-se que o conhecimento é uma busca permanente, admitimos que ele é prático, pois se dá graças à experiência prática do sujeito que nela se relaciona permanentemente com o objeto. Por outro lado, admitimos que o conhecimento é social: a inter-relação dialética sujeito-objeto só é possível, no que se refere à construção do conhecimento, na complexa e variada trama das relações dos homens com os outros homens. (ALVES, 2006, p.75).

Levando em conta esse ponto de vista, é possível atestar que o ensino coletivo de instrumento musical, pode ser interpretado como uma abordagem que auxilia no desenvolvimento e transformação mútuos dos educandos, isso considerando a realidade vivenciada por eles, dessa forma, nesse formato de ensino, o educador foca no avanço artístico e social do aluno, desenvolvendo e explorando formas produtivas no que diz respeito a promoção do desenvolvimento da cidadania e socialização desses alunos.

Segundo Souza (2012) complementando essa linha de pensamento, se faz plausível declarar que nos dias atuais por conta dessas possibilidades citadas, vem se aumentando consideravelmente o interesse sobre essa temática, prova disso é a expansão significativa de pesquisas e estudos referentes a esse conteúdo.

O levantamento realizado por Cruvinel (2005) destaca importantes trabalhos de ensino coletivo de instrumentos por todo o Brasil. Em São Paulo, o projeto Guri, sistematizado por João Maurício Galindo; as classes coletivas do Conservatório Tom Jobim; e do Conservatório Dramático Musical Carlos de Campos, que já desenvolveu vários programas em sopros e cordas, e atualmente desenvolve o método Suzuki. Na Bahia, os trabalhos de ensino coletivo do Maestro Alípio e Marcus Rocha, o Projeto Cordas com Oscar Dourado; além dos educadores musicais Alda de Oliveira e Diana Santiago com piano, Cristina Tourinho com violão, Joel Barbosa com sopros e Mário Ulloa com violão na UFBA. Em Minas Gerais, as monografias e dissertação de Abel Moraes sobre o ensino de violoncelo em grupo. No Rio de Janeiro, o ensino de piano em grupo com Maria Lurdes de Junqueira Gonçalves. No Rio Grande do Sul, os trabalhos com orquestra de câmara didática de Marcello Guerchfeld, e as pesquisas sobre a prática do violão em grupo de Marcos Kröning Corrêa. No Distrito Federal, o trabalho de piano em grupo de Maria Isabel Montandon e Maria Inês Diniz. Em Goiânia, o ensino coletivo de cordas na UFG, na qual Cruvinel fez sua dissertação. (SOUZA, 2012, p. 423).

4.2 A educação não-formal e o caminho traçado para o ensino musical

Ao abordarmos a temática em questão, nos deparamos com vários questionamentos, pois discutir a respeito de educação no final das contas, não é uma atividade fácil e colocá-la em prática então, vem se tornando uma tarefa trabalhosa e em alguns casos atribulada para quem se dispõe a propaga-la. Libâneo (2002, p. 33) complementa o argumento da seguinte maneira:

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas educativas. (LIBÂNEO 2002, p. 33).

Embora a escola em sua constituição seja uma organização notável e histórica, devemos ter em mente que ela não é um espaço exclusivo, ou única fonte, de ensino no qual as práticas acadêmicas e pedagógicas possam se realizar. “Evidentemente, a educação não escolar sempre existiu” (TRILLA, 2008, p.16). Segundo TRILLA (2008) a escola é realmente uma das possibilidades em que o ensino e a aprendizagem podem ocorrer, mas que isso não significa que ela é o único espaço onde se possa acontecer.

1. A escola é uma instituição histórica, Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva.
2. Mesmo nas sociedades escolarizadas, a escola é sempre apenas um momento do processo educacional global dos indivíduos e das coletividades. Com a escola coexistem muitos e variados mecanismos educacionais. Compreender esse processo, portanto, implica, entender a interação dinâmica entre todos os fatores educacionais que atuam sobre os indivíduos. (TRILLA, 2008, p. 17).

Para um melhor desenvolvimento e entendimento das propostas apresentadas, procuraremos descrever como se processam, as modalidades de ensino/aprendizagem, tidos como escolares e não escolares, na expectativa de expor como elas combinam no ensino musical coletivo nas bandas marciais, bem como seu impacto na transformação social de seus componentes.

4.2.1 A educação e suas modalidades

No que se refere a educação, pode-se destacar em suas modalidades três práticas que são conceitualmente caracterizados como formais, não-formais e informais. Libâneo (2010, p.86-87), discorre a respeito desse tema, conceituando inicialmente sobre a educação (ou aprendizagem) informal, com a opinião de que ela é descrita por não ser intencional, e que ela ocorre no dia-a-dia por influência do meio natural e social, mediante a disseminação de costumes, hábitos, práticas sociais e culturais, religiões e etc. No que diz respeito à educação intencional ele aponta que ela pode se dividir em formal e não-formal.

Partindo do princípio que o termo formal concerne a tudo o que demanda uma forma, a educação formal é aquela que se encontra, estruturada, organizada e planejada intencionalmente, que assim como no termo, é algo que se configura, ou seja, sistematizado. Esse modelo é empregado nas várias instâncias da educação escolar e possui objetivos educacionais evidentes, além de ser também subordinado às regulamentações oficiais dos poderes públicos. Desse modo se torna notório dizer que a educação escolar convencional é tradicionalmente formal.

A educação não-formal, pode-se dizer que é a educação que ocorre fora da escola, ela comporta aquelas atividades com caráter de intencionalidade. Semelhante a educação formal educação não-formal é organizada e planejada intencionalmente, porém ela apresenta um grau

de estruturação e sistematização menor, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas e por sua vez, ela não sofre uma influência direta em sua regulação e avaliação, assim como na educação formal.

É preciso superar duas visões estreitas do sistema educativo: uma, que o reduz à escolarização, outra que quer sacrificar a escola ou minimizá-la em favor de formas alternativas de educação. Na verdade, é preciso ver as modalidades de educação informal, não-formal, formal, em sua interpenetração. A escola não pode eximir-se de seus vínculos com a educação informal e não-formal; por outro lado, uma postura consciente, criativa e crítica ante os mecanismos da educação informal e não-formal depende, cada vez mais, dos suportes da escolarização. Não levando em conta esta interpenetração, expressando o movimento de entrecruzamento entre as diversas modalidades de educação[...]. (LIBÂNEO 2010, p.89).

Para uma melhor compreensão a respeito das diferenças entre a educação formal, não-formal e informal, farei uso do quadro 2, onde serão expostas as características peculiares a cada uma:

Quadro 2 - Modalidades da Educação

Educação Formal	Educação Não-Formal	Educação Informal
Intencional	Intencional	Não-intencional
Dentro do sistema educacional hierarquizado	Fora do sistema educacional hierarquizado	Acontece de forma difusa
Divisão cronológica (calendários e horários)	Horários mais flexíveis	Não possui horários fixos
Subordinada à legislação educacional	Poucas leis regulamentam os projetos	Não possui legislação que a regulamente
Predomínio de metodologias baseadas na memorização e na “confirmação de certezas”, através das provas	Ensino baseado em metodologias mais flexíveis.	Não possui uma sistematização metodológica
Temas mais abstratos, fora do cotidiano da comunidade.	Temas mais contextualizados no que diz respeito ao cotidiano da comunidade.	Não existe uma sistematização prévia de temas.
Acarreta retenção, caso o sujeito não aprenda os conteúdos ofertados.	Não acarreta retenção caso o sujeito não aprenda os conteúdos ofertados.	Não há noção de retenção e reprovação.
Confere um título – licenciado, mestre, doutor – ou um grau – ensino médio completo, ensino fundamental completo, etc.	Não objetiva a aquisição de um título e nem de um grau.	Não há noção de titulação.
Exige uma titulação para os professores que irão ministrar as aulas, geralmente uma licenciatura ou um curso de pedagogia.	Menor exigência de títulos para os profissionais que trabalharão nos projetos.	Não exige títulos acadêmicos.

Locais: escolas de educação básica, cursos de graduação e pós-graduação em universidades e faculdades.	Locais: ONGs, programas sociais, igrejas, atividades extracurriculares dentro da escola – bandas marciais, corais, judô, etc.	Local: Não possui espaços pré-determinados. Pode ocorrer na família, com os vizinhos, com os amigos, no trabalho, através das mídias, etc.
--	---	--

Fonte: Adaptado de Silva (2020, p.25).

4.2.2 O ensino musical na modalidade não-formal

Devido as colocações apresentadas anteriormente, observamos que o processo educacional não se restringe somente ao modelo formal, apresentado na sala de aula da escola. No que diz respeito ao contexto da educação musical, Araújo (2009) declara que é algo de proporção extensa e que tende a englobar em seu meio, públicos distintos das mais diferentes esferas, de diversas maneiras e que nesse sentido, a educação não-formal se apresenta como uma grande oportunidade para que o público em geral tenha a possibilidade de se relacionar de forma mais próxima com a linguagem musical.

O atual contexto social permitiu que a multiplicidade de possibilidades de espaços na educação musical tomasse dimensões nunca antes vistas. Hoje é possível ver o ensino musical presente em hospitais, ONGs, creches, hotéis, em grupos livres de estudo, programas de extensão de faculdades, orquestras infantis de ONGs, bandas de grupos militares entre outros. O movimento de conscientização da importância da aptidão na linguagem musical vem ganhando força entre a sociedade, [...] (ARAÚJO, 2009, p. 59).

A partir dessa perspectiva, tendo em mente que o ensino musical, pode ser considerado presente nesses diversos espaços, levando em conta que “a prática pedagógico-musical, encontra-se em vários lugares, ou seja, os espaços onde se aprende e ensina música são múltiplos” (SOUZA, 2007, p. 28). Podemos então considerar que as bandas musicais, e nesse contexto damos um enfoque nas bandas marciais, que é o foco dessa pesquisa, vem desenvolvendo um papel considerável no que diz respeito ao aprendizado cultural, artístico e musical, tendo em vista que essas instituições se enquadram como, locais que desenvolvem suas metodologias musicais no âmbito do ensino não-formal.

Amorim (2012) corrobora com essa colocação, quando declara que há uma boa perspectiva em relação a essas entidades, no que se diz respeito a esse processo de ensino

aprendizagem, “esse tipo de educação, que é típica das bandas, tem características muito positivas”, assim nos declara Costa em seu trabalho:

No Brasil, a dinâmica de trabalho, a qualidade musical e a grande diversidade de conjuntos musicais populares é surpreendente. Os significativos resultados obtidos nestas situações não-formais de ensino e aprendizagem musical, em geral de grande limitação e pobreza material, demonstram o grau de eficiência de tais processos educativos. As informações e os conteúdos são assimilados através da observação e experimentação do fenômeno musical em sua concreticidade sonora: é ver, ouvir e imitar. Os iniciantes aprendem imitando os mais experientes, e não existe espaço para técnicas formais e apuradas de execução como finalidade em si mesmas. Tudo é deixado ao encargo da intuição. Partindo da reprodução atinge-se a criação, e partindo da intuição atinge-se a consciência de ação. Quando a aprendizagem exige uma orientação mais detalhada por parte dos mais experientes, estas orientações muitas vezes dispensam explicações verbais, sendo feitas por demonstrações práticas. (COSTA, 1997 apud AMORIM, 2012, p.37).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Depois de concluída a coleta e o levantamento dos trabalhos referentes ao tema da pesquisa, se deu início a uma estruturação lógica, no que se refere ao processo de organização e análise dos dados obtidos. “A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação”. (GIL, 2008, p. 156).

A análise iniciou através da organização e redução dos dados, os quais foram divididos, de acordo com sua familiaridade com o tema proposto. É considerável destacar que um certo número de elementos textuais obtidos não apresentavam uma discussão diretamente idealizada com o tema pesquisado, porém contribuíram no decorrer da análise com algumas informações relacionadas a um número significativo de critérios abordados na proposta da temática desse trabalho.

Consequentemente, buscando alcançar uma melhor qualidade e um melhor esclarecimento das informações apresentadas, se deu início a um processo de seleção dos dados que seriam diretamente utilizados na pesquisa. Essa seleção se originou com a intenção de listar os trabalhos que retratassem melhor o conteúdo pesquisado, levando em consideração principalmente, a questão de pesquisa e os objetivos propostos a serem pesquisados.

Ao todo, foram catalogados 32 textos, e em meio a esse quantitativo, alguns desses textos não apresentavam temáticas ligadas diretamente com os objetivos da pesquisa. Porém, foi observado no decorrer do processo, que esses textos denotavam informações relevantes e posteriormente, também foram selecionados.

Pelo motivo de já existir uma catalogação de pesquisas com a mesma temática, procurou-se selecionar textos envolvidos dentre os anos de 2015 a 2019, sendo o de ano de 2019 estabelecido como linha de conclusão do período da pesquisa bibliográfica.

Chegando ao término desse processo de seleção, classificação e organização dos dados, posteriormente tomando como base o referencial teórico pertinente a temática da pesquisa, deu-se início à verificação dos resultados obtidos e em seguida a estruturação e elaboração da redação, tendo o foco principal a análise qualitativa dos dados coletados, aplicando-se o devido valor às características da abordagem qualitativa.

Com base no sistema de organização de levantamento de dados mostrarei a seguir o quadro 3 que foi desenvolvido com o intuito de acomodar de maneira sistematizada, as informações referentes aos trabalhos analisados.

Quadro 3 - Quadro referencial de arquivos analisados

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO	LOCAL/ INSTITUIÇÃO ou EVENTO
2015	SEVERO, Ivonaldo Simião	A música como agente transformador de crianças, jovens e Adultos no projeto banda escola de taipu.	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN
2015	NARITA, Flávia Motoyama	Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal	Comunicação de pesquisa	Revista da ABEM, v.23, n.35, Londrina - PA
2015	BATISTA, Leonardo.; BRASIL, Anderson.; SANTOS, Elisama.; MARQUES, Mônica.	Educação Musical em Projetos Sociais: Análises reflexões e possibilidades	Relato de pesquisa	Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM. Natal - RN
2015	FERREIRA, Allyson.	O ensino-aprendizagem de música na Banda da Escola Agrícola de Jundiá: o docente em formação	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN
2015	ALVES, Marcelo; SOUSA, Aurélio	Ensino coletivo: método tocar-junto ferramenta didático pedagógico para bandas marciais da cidade de Goiânia	Artigo	Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM. Natal - RN
2015	SOUTO, Carlos.	A música como instrumento de solidariedade junto aos vulneráveis.	Artigo	Anais do Salão de Pesquisa da Faculdade São Leopoldo, v. 14. São Leopoldo - RS
2015	JUNIOR, Sévio	Ensino coletivo de violão: Relato de experiência no projeto Escola	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN

		de Música Severino Cordeiro - EMUSCO.		
2015	SOUZA, Reinaldo; ALLVARES, Thelma; FREIRE, João.	Ensino coletivo de música em escolas regulares e espaços não-formais	Relato de pesquisa	Anais do 14º Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ - Rio de Janeiro - RJ
2016	CARREIRO, José; TOLEDO, Marco; STERVINO, Adeline.	A aplicação do Método Da Capoeira no contexto da escola de tempo integral Maria Dorilene Arruda Aragão de Sobral - CE	Relato de pesquisa	Anais do VII ENECIM. Sobral - CE
2016	LIMA, Avelange Amorim	O ensino coletivo de instrumento de banda: um relato de experiência na disciplina prática instrumental, do curso FIC Músico de banda, do PRONATEC.	Relato de experiência	Anais do VII ENECIM. Sobral - CE
2016	SOUSA, Cristian	Laboratório De Práticas Coletivas: Experiências Musicais com alunos do curso técnico em regência da escola Lysia Pimentel.	Relato de experiência	Anais do VII ENECIM. Sobral - CE
2016	SILVA, Joedson; SANTOS, Isabela.	A prática musical coletiva na escola de música da sociedade lítero musical 25 de dezembro: uma proposta de ensino.	Relato de experiência	Anais do VII ENECIM. Sobral - CE
2016	SILVA, Estéfany; BOTELHO, Liliana.	A musicalização e o desenvolvimento social de crianças abrigadas em uma Casa Lar de São João Del-Rei (MG).	Relato de pesquisa	XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte - MG
2017	ADAM, Diego	A prática de banda como instrumento de educação musical na sala de aula	Artigo	Anais do XXIII Congresso Nacional da ABEM. Manaus.
2017	SANTOS, Carla	Ensino de música na escola de educação básica: um olhar para os tempos e espaços a partir de uma orquestra escolar	Comunicação de pesquisa	Anais do XXVII Congresso da ANPPOM. Campinas - SP
2017	FREITAS, Evelyny	Uiraúna-PB “terra dos músicos”: influência da banda filarmônica Jesus, Maria e José na sociedade uiraunense (1960- 1980)	TCC	Universidade Federal De Campina Grande - Ufcp Centro De Formação De Professores - Cfp Unidade De Ciências Sociais - Uacs Curso De Licenciatura Em História
2018	SOUSA, Aurélio	Bandas marciais: ensino coletivo nas escolas de tempo integral da cidade de Goiânia-Goiás-Brasil.	Relato de pesquisa	Music for and by children: online proceedings of the international conference music children '17 N°1,
2018	ANDRADE, Jader	Compreendendo os caminhos da formação musical: notas sobre música e histórias de alunos da banda marcial dos programas sociais (bamaps) – tangará/RN.	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN
2019	JORGE, Sâmela	Entre o não-formal e o formal: uma educação musical no projeto social República de Emaús em Belém do Pará	Comunicação	Anais do XXIV Congresso Nacional da ABEM. Campo Grande.
2019	JESUS, Luis	Publicações sobre Práticas Musicais em Grupo: estado da arte na ABEM de 2008 a 2018	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN
2019	SILVA, João	O ensino coletivo de instrumentos de sopro e percussão no curso de músico de banda-pronatec em campo grande-RN: um relato de experiência.	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN

2019	COSTA Francisval; PALHARES Taís	Cultura e pertencimento na banda escolar: Um estudo de caso	Comunicação	Anais do XXIV Congresso Nacional da ABEM. Campo Grande.
2019	ALMEIDA, Cleonio	O Ensino E Aprendizagem De Música Na Banda De São José De Mipibu - RN	TCC	Escola de Música - Licenciatura em Música. UFRN. Natal - RN

Fonte: Autor

6 DISCUSSÃO EXPOSITIVA

O presente capítulo vem com o propósito expor algumas reflexões realizadas no decorrer da análise realizada nas publicações referentes ao contexto do trabalho. No desenrolar da pesquisa pode se perceber, que ensino coletivo por se tratar de um recurso metodológico utilizado de maneira a acolher um número de alunos mais extenso no seu processo de ensino, vindo a desenvolver no seu âmbito, a execução musical em grupo, possibilitando assim a seus participantes a motivação para descobrir novas possibilidades.

Essa metodologia revelou-se uma ferramenta que, além de proporcionar a fundamentação no que se refere ao conhecimento musical ao qual é proposto, contribui de forma significativa na troca de conhecimentos consequentes da interação dos alunos, introduzidos nesse processo, fortalecendo assim as relações interpessoais dos mesmos, incentivando-os a experimentar novas concepções, promovendo desse modo novas descobertas no que se refere à interpretação e conhecimento musical.

No Brasil, conservatórios, escolas, organizações não-governamentais (ONG) e projetos de extensão universitária adotam o ensino coletivo (homogêneo e heterogêneo) em suas bandas. O ensino coletivo nestas instituições, além de motivar os alunos, é também uma maneira de fazê-los estudar de forma colaborativa (Tourinho, 2014). Além da motivação, o estudo coletivo é um importante fator de transformação social e na formação de cidadãos para uma sociedade melhor. Tal transformação é observada no Brasil desde as primeiras bandas de escravos, ainda no período colonial. (SOUSA, 2018, p. 21).

Na questão das bandas marciais, Almeida (2019) nos explica, que ainda nos dias atuais, no que se refere a educação musical, as bandas marciais em muitos dos casos se apresentam como única opção para os jovens ingressarem no meio musical, e isso em grande parte das cidades que se situam distantes dos grandes centros urbanos, tendo em vista que em muitas dessas cidades a oferta de cursos voltados para a área musical, revelam-se até então insuficientes.

No campo educacional, as bandas têm sido, a única alternativa para os jovens de se incorporar no mundo da música, sobretudo em cidades distantes dos grandes centros urbanos onde a oferta de cursos de música ainda é bastante escassa. Assim, o lugar da música assume uma finalidade de extrema importância no mapa educacional musical do Brasil. As multidões representam muito mais do que áreas, voltados para se caber um instrumento, nelas o processo de ensino-aprendizagem da música, geralmente, está associado a outros valores como respeito, amor, disciplina, civismo, concentração, solidariedade, trabalho em equipe, socialização, dentre outros. (ALMEIDA, 2019, p. 13).

Continuando o raciocínio, é considerável salientar no que se refere as metodologias relacionadas a educação utilizadas na banda, em muitos dos casos, provocam um interesse considerável, em uma parte extensa de seus integrantes que passam a idealizar em muitas das vezes, uma modificação em seu meio social, almejando no decorrer do seu desenvolvimento musical melhores oportunidades e condições para suas vidas através da música.

Corroborando com essa linha de pensamento Almeida (2019) continua a argumentação expondo em seu trabalho a seguinte afirmação:

[...] Sabe-se que a vivencia musical possibilita ao jovem uma reciproca ação com o outro, por terem referenciais distintos, experiências de vidas e realidades diferentes, onde os conjuntos desses fatores podem ser assimilados e acrescidos de algum modo para a vida desses jovens. Portanto,[...] as práticas musicais escorreram a ser um continuado em meios populares através da educação musical proporcionado aos participantes uma grande experiência musical. Tornando-se assim, importantes utensílios de acesso a sabedoria, e uma forma de conhecimento através da música, uma realidade para crianças e jovens participantes da banda. A capacidade transformadora da arte e na aplicação da música como um novo horizonte para jovens é um excelente meio de fazer reflexões sobre a esfera sociocultural em que os indivíduos estão inseridos. (ALMEIDA, 2019, p. 13).

No que se refere as pesquisas relacionadas ao ensino musical coletivo nas bandas marciais, tornou-se perceptível, que há um considerável crescimento nos estudos relacionados a seu respeito aqui no Brasil. Além dos trabalhos catalogados e apresentados nesse estudo, foi constatado um extenso número de trabalhos a respeito do assunto, dentre esses, artigos, tccs, dissertações, teses e livros.

Trabalhos esses voltados para identificação e exposição das abordagens práticas dessa estrutura metodológica de ensino, nas suas ferramentas de suporte, nos seus objetivos, no impacto ocasionado nos alunos expostos a essa metodologia, nos resultados alcançados, e nas

suas justificativas. Revelando assim, realidades distintas, viabilizando reflexões significativas na busca de uma melhor definição referente a esquematização desse campo de ensino, vindo a favorecer através disso o amadurecimento e o entendimento da formação musical referente a esse cenário.

Unindo tradição e campo de estudo, como visto atrás, percebe-se que no Brasil as pesquisas envolvendo bandas de música têm crescido paulatinamente. Kandler e Figueiredo (2010) destacam que nos últimos dez anos, no Brasil, as pesquisas apontam que mais que 40% das teses e dissertações tratam de processos de ensino e aprendizado de instrumentos de banda. Segundo os autores, as regiões Sudeste e Sul concentram maior número de pesquisas sobre este assunto, seguidas pelo Centro Oeste e Nordeste. (SOUSA, 2018, p. 19).

Continuando, Sousa (2018) nos aponta que ainda assim, há um considerável empecilho no que diz respeito a essa metodologia de ensino, que são problemas oriundos da falta de formação musical adequada dos professores de banda, o insuficiente número de literaturas específicas sobre as metodologias de ensino de música acerca das bandas e a ausência de cursos acadêmicos pensados na formação musical de regentes de banda. Através desse relato, fica exposto que esses fatores que de certa maneira dificultam profundamente esse processo de ensino.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um melhor entendimento a respeito do ensino de música nas Bandas Marciais, objeto de nossa pesquisa bibliográfica, com foco na metodologia de ensino musical coletiva, elaboramos esse trabalho tendo como elemento motivador para realização da pesquisa, o fato de eu ter iniciado minha vida musical em uma Banda Marcial. Através dessa vivência pude ter a oportunidade de observar, as contribuições que essa entidade vem oferecendo a sociedade, inclusive a contribuição educacional, tendo em vista que a Banda Marcial é mais um espaço de aprendizagem musical não formal e de inclusão social, observando também seu impacto na transformação social dos componentes. Favorecendo essa observação COSTA; PALHARES (2019) expressam o seguinte:

Enquanto elemento difusor das artes, da história, do contexto social e das práticas culturais que as constituem, as bandas musicais revelam-se também como um importante campo de produção, divulgação e transmissão de saberes entre os atores sociais na representação da cultura e transformação social. Deste modo, esses

conjuntos musicais propiciam a interação e a socialização por meio de práticas culturais que emergem dos processos de resignificação, significados, valores, pertencimento e saberes no campo da cultura. (COSTA; PALHARES, 2019, p. 1).

O presente trabalho teve como enfoque, no seu objetivo geral, compreender como ocorrem os processos de ensino de música nas Bandas Marciais, tendo como propósito, identificar como se dão as metodologias utilizadas no ensino musical coletivo, no âmbito da Banda Marcial.

O levantamento bibliográfico relativo à proposta da temática dessa investigação, buscou através de revistas eletrônicas, sites de internet, e ferramentas de busca como o Google e o Google Acadêmico, reunir o máximo de trabalhos referentes a proposta principal desse trabalho.

A partir da referida revisão bibliográfica, através da investigação de abordagem qualitativa, em publicações e análise de trabalhos envolvidos entre os anos de 2015 a 2019, partindo do questionamento de como se dá o aprendizado musical nas bandas marciais, para se atingir uma melhor compreensão da questão abordada.

A análise dessa bibliografia permitiu-nos concluir que o ensino coletivo de instrumento musical ainda é a principal ferramenta de ensino utilizada nesses espaços, e que essa metodologia contribui diretamente no aspecto de desenvolvimento e transformação social.

No decorrer da pesquisa, pôde-se perceber que as bandas de música representam um símbolo de nossa história musical, segundo SILVA (2019, p. 24) “Nesses espaços, valoriza-se a performance instrumental coletiva. [...] que em essência é repassado de geração a geração, reafirmando a tradição musical existente no interior do país.” Atualmente, essas entidades ainda estão presentes no meio cultural de nosso país, apesar de terem, de certo modo, perdido boa parte de seu prestígio, vindo por isso a ser colocadas em posição de depreciação, e até um pouco desacreditadas em relação a outras instituições vistas como mais eruditas.

Ainda assim, fica patente que essas entidades representam um importante papel, contribuindo para sociedade na formação dos futuros cidadãos, tendo em vista que elas tendem a colaborar na formação de seus componentes, reforçando valores e comportamentos que ultrapassam a função dessas bandas no espaço musical.

Observamos também no decorrer da pesquisa que os aprendizados obtidos pelos seus integrantes vão além do ensino musical, sendo assim, podemos evidenciar a relevância desse modelo de ensino, tanto no aspecto musical quanto nesse aspecto social, pois através da análise

dos trabalhos envolvidos sobre essas entidades, que no decorrer do tempo são criados vínculos e laços, onde os integrantes aprendem o valor da disciplina, do respeito, e do amor ao próximo, entre outros valores significativos para fortalecer os princípios necessários para se manter uma boa convivência perante a sociedade.

De acordo com ALMEIDA (2019) :

No campo educacional, as bandas têm sido, a única alternativa para os jovens de se incorporar no mundo da música, sobretudo em cidades distantes dos grandes centros urbanos onde a oferta de cursos de músicas ainda é bastante escassa. Assim, o lugar da música assume uma finalidade de extrema importância no mapa educacional musical do Brasil. As multidões representam muito mais do que áreas voltadas para se aprender um instrumento, nelas o processo de ensino-aprendizagem da música, geralmente, está associado a outros valores como respeito, amor, disciplina, civismo, concentração, solidariedade, trabalho em equipe, socialização, dentre outros. (ALMEIDA, 2019, p.13).

Ainda que a Educação Musical tenha desenvolvido amplamente seus conceitos, no âmbito de instrução musical em múltiplos contextos, dentre esses os conceitos relativos à banda marcial, estes necessitam ainda ser ampliados. Entretanto, se torna notório argumentar que há de certo modo uma carência de discussões com o intuito de delinear perspectivas mais extensas no que diz respeito ao ensino de música em diferentes espaços, especialmente os das bandas marciais, discussões essas que venham a trazer reflexões e análises, a cerca desse assunto vigente no panorama atual do ensino musical do nosso país.

O fato, é que apesar de os argumentos levantados nesse trabalho não terem a pretensão de tornarem-se produtos generalizados para outros âmbitos, a referente pesquisa almeja provocar reflexões que venham a contribuir de forma positiva e significativa no que diz respeito a prática pedagógica da Educação Musical, e que através dessa análise venha se abrir novos questionamentos sobre as práticas musicais de ensino existentes nas bandas marciais, favorecendo pesquisas futuras que possam promover uma melhor compreensão acerca das múltiplas experiências e valores que essas entidades possibilitam a seus integrantes.

REFERÊNCIAS

ADAM, Diego. A prática de banda como instrumento de educação musical na sala de aula. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação, 23., 2016, Manaus. Anais Congresso Nacional ABEM. Manaus: ABEM, 2016. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v2/papers/2823/public/2823-9569-1-PB.pdf>. Acesso em: 04/03/2022.

ALMEIDA, Cleonio O Ensino E Aprendizagem De Música Na Banda De São José De Mipibu – RN. Orientador: Me. Edibergon Varela Bezerra. 2019. 40 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2019.

ALVES, Nilda. Formação de professores Pensar e fazer. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALVES, Marcelo; SOUSA, Aurélio. Ensino coletivo: método tocar-junto ferramenta didático pedagógico para bandas marciais da cidade de Goiânia. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação, 22., 2015, Natal. Anais Congresso Nacional ABEM. Natal: ABEM, 2015. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1043/public/1043-4410-1-PB.pdf>. Acesso em: 03/03/2022.

AMORIM, Herson. Contribuições das Bandas de Música para a Formação do Instrumentista de Sopro que atua em Belém do Pará. Orientador: Lia Braga Vieira. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Artes)–Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

ANDRADE, Jader. Compreendendo os caminhos da formação musical: notas sobre música e histórias de alunos da banda marcial dos programas sociais (bamaps) – tangará/RN. Orientador: Prof. Dra. Tamar Genz Gaulke. 2018. 37 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2018.

ARAÚJO, Anderson. Múltiplos contextos da educação musical: o ensino de música no PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e intenções de trabalho com os saberes dos aprendizes. 2009. 106 f. Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

Banda Marcial da Escola José Firmino da Veiga é patrimônio do Paulista. Prefeitura da cidade de Paulista, 2015. Disponível em: <http://paulista.pe.gov.br/site/noticias/detalhes/1327>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BARBOSA, Joel Luís. Considerando a viabilidade de inserir música instrumental no ensino de primeiro grau. In: Revista da Associação Brasileira de Educação Musical. Salvador, V. 3, N 3, p. 39-49, 1996. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/490/400>> Acesso em: 21 mar. 2022.

BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL "Batalhão Duque de Caxias" (desde 1823). Brasil, 2021. Disponível em: <http://www.bgp.eb.mil.br/index.php/banda-de-musica>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BATISTA, Nylton. Banda de Música: a alma da comunidade. 1. Ed. São Paulo: Scortecci, 2010.

BATISTA, Leonardo.; BRASIL, Anderson.; SANTOS, Elisama.; MARQUES, Mônica. Educação Musical em Projetos Sociais: Análises reflexões e possibilidades. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação, 22., 2015, Natal. Anais Congresso Nacional ABEM. Natal: ABEM, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/42830356/Educa%C3%A7%C3%A3o_Musical_em_Projetos_Sociais_Analises_reflex%C3%B5es_e_possibilidades>. Acesso em: 03/03/2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto. Porto Editora, 1994.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 19, P. 103-111, mar, 2008. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/264/195>> Acesso em: 08/03/2022.

CARREIRO, José; TOLEDO, Marco; STERVINO, Adeline. A aplicação do Método Da Capo no contexto da escola de tempo integral Maria Dorilene Arruda Aragão de Sobral – CE. In: Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 7. P. 65-71, 2016, Sobral. Anais do VII ENECIM. Sobral. 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_VII_ENECIM.compressed.pdf> Acesso em: 04/03/2022.

CORRÊA, José. Bandas civis do interior de Pernambuco: a influência militar no processo pedagógico musical, repertório e ritualística. Orientador: prof. Me. João Evangelista Dos Santos Neto. 2021. 41 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Departamento de Música, Universidade Federal Da Pernambuco, Recife, 2021.

COSTA Francisval; PALHARES Taís. Cultura e pertencimento na banda escolar: Um estudo de caso. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 24., 2019, Campo Grande. Anais Congresso Nacional ABEM. Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: < <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/314/221> >. Acesso em: 22/03/2022.

COSTA, Francisval. Processos De Subjetividades, Interações E Pertencimento Na Banda De Música Escolar: Um Estudo De Caso Na Banda Marcial Ranulpho Paes De Barros. Em Cuiabá/Mt. Orientadora: Profa. Dra. Taís Helena Palhares. 2020. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Comunicação e Artes. Cultura Contemporânea. Universidade Federal De Mato Grosso. Cuiabá, 2020.

COSTA, Josias. Aprendizagem Musical Em Bandas De Música: Relato de experiências sobre as relações entre aprendizagem e as dinâmicas da prática musical na Banda Filarmônica XV de Novembro Cabense. Orientador: Prof. Me. João Evangelista Dos Santos Neto. 2021. 41 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Departamento de Música, Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2021.

COSTA, Manuela. Música e história: Um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. *Tempos Históricos*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 240–260, 2011. DOI: 10.36449/rth.v15i1.5707. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/5707>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CRUVINEL, Flavia. *Educação Musical e Transformação Social: uma experiência com o ensino coletivo de cordas*. 1. ed. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005. 256p.

DANTAS, Fred. Bandas, Fanfarras e Filarmônicas. In: *Sonora Brasil: Bandas de música: formações e repertório*. Rio de Janeiro: Sesc, 2018. p. 13-29. ISBN 978-85-8254-061-9. Disponível em: https://issuu.com/sescbrasil/docs/web_sb_bandas_210x285mm. Acesso em: 22 jan. 2022.

FAGUNDES, Samuel. *Processo de transição de uma banda civil para banda sinfônica*. Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Glauro Lucas. 2010. 160 f. Dissertação (Mestrado em Música)– Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

FERREIRA, Allyson. *O ensino-aprendizagem de música na Banda da Escola Agrícola de Jundiá: o docente em formação*. Orientador: Prof. Dr. Jean Joubert Freitas Mendes. 2015. 48 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2015.

FREITAS, Eveliny. *Uiraúna-PB “terra dos músicos”: influência da banda filarmônica Jesus, Maria e José na sociedade uiraunense (1960- 1980)*. Orientador: Prof.^a Dra. Maria Lucinete Fortunato. 2017. 70 f. TCC (Graduação) - Curso História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, 2017.

FONSECA, João. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, Apostila, 2002.

GIL, Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4º Ed. São Paulo. Editora Atlas S.A 2002.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6a. Ed., São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, Luis. *Publicações sobre Práticas Musicais em Grupo: estado da arte na ABEM de 2008 a 2018*. Orientador: Professor Ms. Edibergon Varela Bezerra. 2018. 31 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2019.

JORGE, Sâmela. *Entre o não-formal e o formal: uma educação musical no projeto social República de Emaús em Belém do Pará*. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 24., 2019, Campo Grande. *Anais Congresso Nacional ABEM*. Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: < <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/301/218> >. Acesso em: 22/03/2022.

JUNIOR, Sévio. *Ensino coletivo de violão: Relato de experiência no projeto Escola de Música Severino Cordeiro - EMUSCO*. Orientador: Esp. José Simião Severo Coorientador: Prof. Fernando Martins de Oliveira Neto. 2015. 48 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2015.

LAKATOS, Eva; MARCONE, Maria. Metodologia do trabalho científico. 4. Ed. Revisada e Ampliada. São Paulo, Atlas, 1992.

LIBÂNEO, José. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. 1. Ed., São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Pedagogia e Pedagogos, para quê? 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÓRIO, Marcus. Após 75 anos, Banda do Liceu é extinta. **Jcnet.com.br**, Bauru, 20/12/2014. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2014/12/426818-apos-75-anos--banda-do-liceu-e-extinta.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

LIMA, Ronaldo. Bandas de música, escolas de vida. Orientador: Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

LOUREIRO, Alícia. O ensino de música na escola fundamental. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

NARITA, Flávia. Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal. Revista da ABEM, Londrina, V. 23, N. 35, P. 62-75, jul. dez, 2015. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/553>>. Acesso em: 03/03/2022.

NASCIMENTO, Marcos. A banda de música como formadora de músicos profissionais, com ênfase nos clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro. Orientador: Me. Fernando José Silva Rodrigues da Silveira. 50f. 2003. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

NÓBREGA, Matheus. A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. Orientador: Me. Fernando José Silva Rodrigues da Silveira. 123f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018.

ROCHA, Renata. Sobrados e Coretos: breve história de dez municípios do interior da Bahia e suas Bandas de Música contempladas pelo projeto Domingueiras. 1. Ed. Salvador: Domingueiras, 2005.

SANTOS, Carla. Ensino de música na escola de educação básica: um olhar para os tempos e espaços a partir de uma orquestra escolar. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 27. Campinas. 2017. Disponível em: <<https://library.org/document/zpxo53oq-ensino-m%C3%BAsica-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-tempos-esp%C3%A7os-orquestra-escolar.html>> Acesso em: 05/03/2022.

SANTOS, João. O trombone na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte: levantamento histórico e bibliográfico. Orientador: prof. Dr. Radegundis Feitosa Nunes. 2009. 483 f. Dissertação (Mestrado) – Curso Música, Departamento de Música, Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SEVERO, Ivonaldo. A música como agente transformador de crianças, jovens e Adultos no projeto banda escola de Taipu. Orientador: Professor Edibergon Varela Bezerra. 2015. 50 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2015.

SILVA, Estéfany; BOTELHO, Liliana. A musicalização e o desenvolvimento social de crianças abrigadas em uma Casa Lar de São João Del-Rei (MG). In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 25. B. Horizonte. 2016. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/paper/view/4208/1553>> Acesso em: 04/03/2022.

SILVA, João. O ensino coletivo de instrumentos de sopro e percussão no curso de músico de banda-pronatec em campo grande-RN: um relato de experiência. Orientador: Professor Dr. André Luiz Muniz de Oliveira. 2019. 65 f. TCC (Graduação) - Curso Música, Escola de Música, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2019.

SILVA, Joedson; SANTOS, Isabela. A prática musical coletiva na escola de música da sociedade lítero musical 25 de dezembro: uma proposta de ensino. In: Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 7. P. 11-19, 2016, Sobral. Anais do VII ENECIM. Sobral. 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_VII_ENECIM.compressed.pdf> Acesso em: 04/03/2022.

SILVA, Rodrigo. Memórias da Banda: Percursos de Formação de Ex-integrantes. Orientador: prof. Dra. Profa. Dra. Maura Penna. 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Curso Música, Departamento de Música, Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, Thallyana. Banda marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino aprendizagem musical. Orientador: Profa. Dra. Luceni Caetano da Silva. 2012. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa, 2012.

SOUTO, Carlos. A música como instrumento de solidariedade junto aos vulneráveis. In: Salão de Pesquisa da Faculdade São Leopoldo, V. 14, P. 32-38. 2015. Anais do Salão de Pesquisa da Faculdade São Leopoldo. São Leopoldo. EST. 2015. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/salao/article/view/679>>. Acesso em: 03/03/2022.

SOUSA, Aurélio. Bandas marciais: ensino coletivo nas escolas de tempo integral da cidade de Goiânia-Goiás-Brasil. In: Conferência music for and by children: online proceedings of theinternational conferencemusichildren. 17, N.1, P. 18-25, 2018, Online. Anais da online proceedings of theinternational conferencemusichildren 2018. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/musichildren/article/view/1018/826>>. Acesso em: 20/03/2022.

SOUSA, Cristian. Laboratório De Práticas Coletivas: Experiências Musicais com alunos do curso técnico em regência da escola Lysia Pimentel. In: Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 7. P. 56-63, 2016, Sobral. Anais do VII ENECIM. Sobral. 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_VII_ENECIM.compressed.pdf> Acesso em: 04/03/2022.

SOUZA, Henry. A pesquisa sobre ensino coletivo de instrumentos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA (SIMPOM), Rio de Janeiro, V. 2, p. 422-430. 2012. Anais do II SIMPOM Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/simpom/article/download/2463/1792/12396>>. Acesso em 09 de março de 2022.

SOUZA, J. Pensar a educação musical como ciência: a participação da Abem na construção das áreas. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, p.25-30, mar. 2007. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed16/revista16_artigo3.pdf>. Acesso em 09 de março de 2022.

SOUZA, Reinaldo; ALLVARES, Thelma; FREIRE, João. Ensino coletivo de música em escolas regulares e espaços não-formais. In: Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ, 14, V.1, P.24, 2015, Rio de Janeiro. Anais do 14º Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<https://ppgmufrj.files.wordpress.com/2016/12/04-ensino-coletivo.pdf>> Acesso em: 03/03/2022.

TINHORÃO, José. História da social da música popular brasileira. 1. Ed. 34, São Paulo, 1998. 351 p.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2008, 167p., p. 15-58.